

Do manuscrito ao digital: a longa sobrevivência das bibliotecas e dos profissionais envolvidos

*Sofia Galvão Baptista
Mariana Baptista Brandt*

Resumo

Mostra a evolução do curso de Biblioteconomia no Brasil e a atuação do bibliotecário. Traz o trecho do livro de Umberto Eco como referencial histórico da era medieval, pretendendo questionar a função de "guardião" da informação nesta fase e no contexto atual.

Palavras chave

Biblioteconomia/ciência da informação - história; Biblioteconomia - evolução tecnológica; Desempenho profissional; Mercado de trabalho

From manuscript to digital; the long survival of libraries and of the involved professionals

Abstract

Progress in Brazilian Library/Information Science is discussed, as well as librarian performance. An excerpt from Umberto Eco's book (The name of the Rose) was used as an argument for the guardian function as one exercised by librarians.

Key Word

Librarianship/information science – Brazil - history; Librarianship - technological evolution; Professional performance; Librarian market

1 INTRODUÇÃO

Baseado, inicialmente, nas premissas do bibliotecário retratado por Umberto Eco em seu livro “O nome da Rosa”, este artigo pretende mostrar três fases desse profissional (eruditismo, ordem e tecnologia), retratando seu ambiente de trabalho, as tarefas, o contexto e outras variáveis que contam a sua história desde a era medieval à sociedade da informação e à era digital.

Levacov (1997, p. 133), ao falar sobre bibliotecas virtuais, expressa a nossa intenção de mostrar como a tecnologia alterou os paradigmas da profissão. Ao comparar a “transição do manuscrito para o impresso” e do impresso para o digital “, a autora demonstra a transição do paradigma da propriedade do acesso”.

Concordando com Levacov (1997), mas elegendo a questão da “ordem” e “preservação” como valores cultuados pelos primeiros bibliotecários, neste artigo pretendeu-se mostrar por meio da história, retratada pelos autores da área (ECO, 2003; Castro, 2002 e outros) que esses valores dominaram as atividades dos bibliotecários por muito tempo e que, aparentemente, foram modificadas por meio da tecnologia (telecomunicação e automação) que introduziu, num primeiro momento, as bases de dados, permitindo inúmeras formas de recuperação e acesso à informação e que transformou igualmente a forma de promover a ordem e a preservação com as bibliotecas virtuais.

2 OS GUARDIÕES DA INFORMAÇÃO – O BIBLIOTECÁRIO DESCRITO POR UMBERTO ECO

A imagem do bibliotecário medieval - entendendo bibliotecário como quem ‘cuidava’ dos livros, já que nessa época não havia a profissão regulamentada - nos remete a figura do clérigo, seja ele um monge ou qualquer outro homem de Deus, não importando aqui o título, já que as bibliotecas eram praticamente todas encontradas em mosteiros, igrejas e instituições religiosas medievais quaisquer que fossem elas.

Essa figura que trás consigo o famoso estigma de *guardião da informação* - sendo informação um termo mais recente – ou *guardião do saber*, que soa mais medieval, é muito bem representada por Umberto Eco em seu romance histórico *O nome da rosa*.

O autor afirma ter recebido um manuscrito copiado por um certo abade francês, que assegurava estar reproduzindo fielmente um manuscrito do século XIV, encontrado por sua vez no mosteiro de Melk. Eco tenta ir atrás da veracidade do manuscrito, porém, as informações por ele encontradas não são conclusivas. Decide por fim, reescrever de certa forma, a história de Adso de Melk, suposto autor do manuscrito, e assim é gerado *O nome da rosa*. Dessa forma, o bibliotecário retratado por Eco não deve ser meramente um personagem de ficção, assim como as características descritas de ‘como deve ser um bibliotecário’ na Idade Média.

O romance se passa numa abadia italiana no final de 1327, e conta a história da investigação do assassinato em série de seus monges, onde a biblioteca e os livros entram como peças chave no mistério. Assim, têm-se muitas descrições desses elementos, ilustrando bem o bibliotecário, a biblioteca, o livro e a preocupação com o saber medieval.

Focando este capítulo no bibliotecário, descrevemos uma figura fechada, a própria imagem do guardião, a quem se confia os segredos – já que a biblioteca os tinha – e de quem se espera um cuidado e proteção incondicional aos livros:

Somente o bibliotecário recebeu o segredo do bibliotecário que o precedeu, e o comunica, ainda em vida, ao ajudante-bibliotecário, de modo que a morte não o surpreenda, privando a comunidade desse saber. [...] Somente o bibliotecário, além de saber, tem o direito de mover-se no labirinto dos livros, somente ele sabe onde encontrá-los e onde guardá-los, somente ele é responsável pela sua conservação. [...] somente o bibliotecário sabe da colocação do volume, do grau de sua **inacessibilidade**, que tipo de segredos, de verdade ou de mentiras o volume encerra. Somente ele decide como, e se deve fornecê-lo ao monge que o está requerendo [...] (ECO, 2003, p. 44).

Tem-se aí o início da descrição do ofício do bibliotecário medieval e a partir dela, pode-se perceber a importância e a responsabilidade que era dada à pessoa que cuidava dos

livros na Idade Média. Isso é facilmente explicado, já que aos livros dava-se um valor de objeto precioso, como visto anteriormente.

Um ponto curioso nesse exemplo citado é a expressão *grau de inacessibilidade* do livro, ou seja, o bibliotecário assume o livro como objeto inacessível, que deve estar fora do alcance de qualquer outra pessoa, e é somente ele que tem o poder de decidir se o volume pode ou não ser emprestado a quem o requer.

O bibliotecário medieval deve ser um homem bastante culto e conhecedor de outras línguas, como podemos ver na descrição de Eco nos trechos:

“[...] Todos estamos preocupados com o novo bibliotecário. Deverá ser digno, maduro e sábio... Eis tudo.”
“Deverá conhecer o grego?” perguntou Guilherme
“E o árabe, assim o quer a tradição, assim exige o ofício. [...]” (ECO, 2003, p. 400)

e

“Dizia-se que um bibliotecário deve ser bem mais douto” (ECO, 2003, p. 403).

Quanto à organização do material na biblioteca, encontramos mais uma forma de inacessibilidade e controle, bem ilustrada nessa fala do bibliotecário de Eco: “talvez não saibas ou tenhas esquecido que o acesso à biblioteca é consentido apenas ao bibliotecário. E, portanto é justo e suficiente que apenas o bibliotecário saiba decifrar essas coisas”.

O ‘decifrar essas coisas’ refere-se ao endereço dos livros nas estantes, salas e corredores da biblioteca, assim sendo, um sistema de classificação. Posteriormente, o bibliotecário afirma que os livros são registrados e organizados nas estantes segundo ordem de aquisição. Questionado por um monge sobre a dificuldade de se encontrar os livros dessa forma, o bibliotecário afirma que “basta que o bibliotecário conheça de memória e saiba de cada livro a época que chegou. Quanto aos outros monges podem confiar em sua memória”.

No caso da biblioteca retratada no livro, sua própria construção era feita de maneira a dificultar que se encontrem os volumes desejados. Esse trecho ilustra essa disposição complexa da biblioteca:

O modo de leitura era bizarro, às vezes se procedia numa única direção, às vezes se andava para trás, às vezes num círculo, freqüentemente, como disse, uma letra servia para compor duas palavras diferentes (e nesses casos a sala tinha um armário dedicado a um assunto e um a um outro). Mas não havia evidentemente que se procurar uma regra áurea naquela disposição. Tratava-se de mero artifício mnemônico para permitir ao bibliotecário encontrar uma obra. Dizer que um livro se achava na *quarta Acaiae* significava que estava na quarta sala, a partir daquela em que se aparecia o A inicial, e quanto ao modo de individuá-la, supunha-se que o bibliotecário soubesse de cor o percurso, reto ou circular, a ser feito.(ECO, 2003, p. 310).

Essa caracterização de labirinto da biblioteca pode ser exagerada, mas serve como uma caricatura do que realmente podia ser encontrado nas abadias medievais, já que algo de verdadeiro deve conter a obra de Eco. E mais uma vez, o bibliotecário é o único responsável por localizar as obras nesse emaranhado de salas e estantes sem lógica.

Era um sistema fechado, feito para apenas uma pessoa conhecer e encontrar a informação desejada, cabendo somente a ela decidir se essa informação poderia ou não ser transmitida aos demais.

Pode-se identificar então, as várias etapas do ciclo da informação, sendo realizadas no processo biblioteconômico medieval: o bibliotecário recebe o livro, e deve memorizar sua época (aquisição), deve saber onde encontrá-lo (classificação / processamento técnico), onde guardá-lo (armazenamento), se deve fornecê-lo (disseminação), além da responsabilidade da conservação (preservação).

Em relação aos outros monges, o bibliotecário era visto muitas vezes com inveja ou como um inimigo. Em um trecho do livro de Eco, um monge (Bêncio) é nomeado ajudante-bibliotecário, e há a reação: “Adso, há algumas horas Bêncio passou para o outro

lado! Agora ele é o guardião dos segredos que queria conhecer, e enquanto os guarda terá todo o tempo que quiser para conhecê-los”.

Ocorre uma mudança de atitude do personagem Bêncio, que antes era a favor da disposição do conhecimento aos demais, e agora, quando passa a penetrar os segredos da biblioteca, torna-se contrário à disseminação do saber. Nesse trecho, fica clara a vontade dos homens de Deus de controlar a informação quando a tem. Essa atitude é criticada pelos protagonistas /heróis da trama, ficando clara a ideologia humanista de Umberto Eco:

“Não será que Bêncio quer o bem de seus livros (já que agora são dele também) e pensa que o bem deles seja ficar longe de mãos rapaces?” perguntei
“O bem de um livro está em ser lido. Um livro é feito de signos, os quais por sua vez falam das coisas. Sem um olho que o leia, um livro trás signos que não produzem conceitos e, portanto é mudo. Essa biblioteca talvez tenha nascido para salvar os livros que contém, mas agora vive para sepultá-los. [...]” (ECO, 2003, p. 382).

O cargo do bibliotecário era então, muito ambicionado na abadia: por tradição, ele torna-se depois, Abade. Ao menos é o que se afirma em *O nome da rosa*. Resta saber quanto de verdade se tem no manuscrito que o originou.

Independente disso, foi possível traçar um perfil para o profissional da informação nos tempos medievais, identificar algumas coincidências com o processo atual e muitas discrepâncias em relação à caracterização do bibliotecário medieval em comparação com o profissional de hoje.

3 ERUDIÇÃO, CULTURA HUMANÍSTICA E ORDEM – CARACTERÍSTICAS DOS PRIMEIROS BIBLIOTECÁRIOS NO BRASIL

Fazendo um corte na história, passamos da era medieval para a história do bibliotecário no Brasil. O primeiro fato significativo para a área acontece com a vinda da coleção de livros trazida por D. João VI em 1808.

O Brasil despertou para os livros a partir do desembarque de D. João VI no País, em 7 de março de 1808. A esquadra do monarca português, formada por oito naus, três fragatas, dois brigues, uma escuna de guerra, uma charrua de mantimentos e mais 20 navios mercantes foi pequena para acomodar 15 mil portugueses que fugiam da Europa temendo as invasões napoleônicas. (D. JOÃO VI, 2006).

Caberlon apud Castro (2000) enumera os marcos históricos que demonstram a trajetória das bibliotecas e do curso de Biblioteconomia, que mostram o início com a existência das bibliotecas de colégios jesuítas em 1550 e criação da Biblioteca Nacional em 1810.

Quanto aos profissionais, tem-se nesta fase a notação que o primeiro bibliotecário público seria o padre José Antônio dos Reis, que cuidava da biblioteca do Convento dos Franciscanos que foi anexada à Faculdade de Direito. Constatase então que no Brasil a carreira tem como primeiro profissional um membro da Igreja Católica.

O padre José Antonio dos Reis é descrito por Ellis, 1950 apud Castro (2000, p.63) “[...] exemplo de coragem e de tenacidade esse primeiro bibliotecário público de São Paulo, cujo o espírito primou pela ordem e civismo”.

4 ORDEM OU ORGANIZAÇÃO - PALAVRAS QUE DEFINEM A PRINCIPAL FUNÇÃO DO PROFISSIONAL

Os primeiros cursos de Biblioteconomia brasileiros têm premissas diferenciadas. O curso da Biblioteca Nacional é orientado pelas idéias humanistas européias e o curso do Instituto Mackenzie é influenciado pela visão pragmática e tecnicista americana. Como resultado surgem perfis diferenciados no mercado de trabalho no eixo Rio e São Paulo. O profissional egresso do curso da Biblioteca era um erudito-guardião e o de São Paulo um técnico (CASTRO, 2002).

Com o currículo mínimo em 1962, promove-se a padronização dos cursos que privilegia método, técnicas, processos de organização documental, porém com uma

complementação cultural. Têm-se, até esse período, novamente a ordem, a preservação e o controle permeando as tarefas do profissional, convivendo com disciplinas de cultura geral. As discussões posteriores sobre o currículo continuaram centradas na questão cultura versus técnica.

A partir do texto de Lydia Sambaqui, Castro (2000), que fez um registro histórico dos cursos e dos perfis profissionais, mostra o surgimento do mercado das bibliotecas especializadas, em detrimento das bibliotecas escolares e públicas. No mesmo trecho, a descrição desse profissional chamado de “moderno” é apresentada pela autora:

A missão do bibliotecário [moderno, perfeito], em todos os livros é fazer com que as coleções reunidas prestem serviços informando, educando [...]. O bibliotecário, obrigatoriamente, deve ser um conhecedor dos livros que adquiriu e, para bem conhecê-los é mister que também conheça, perfeitamente, a matéria sobre que tratam. (SAMBAQUY, 1956, p. 335 apud CASTRO, 2000, p. 120-121).

Vê-se, nesse trecho do discurso da autora, a priorização da necessidade da organização e da erudição. Sutilmente, o texto passa a idéia que existe alguém que poderá se informar melhor a partir do esforço que o bibliotecário faz ao dominar o assunto da sua área de atuação. Nas afirmações da autora, a necessidade de dominar o assunto para manter o usuário melhor informado não está clara e, sim a idéia de dominar o assunto para melhorar o controle sobre a coleção.

5 A PROFISSÃO CRESCE, MAS A PREOCUPAÇÃO COM A ORDEM E COM A PRESERVAÇÃO CONTINUAM

Na década de 50, com o surgimento das bibliotecas especializadas e as bibliografias e o antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), Castro (2000) mostra que a necessidade de erudição (ou generalista) é abandonada pela especialização e, na seqüência, aparece a expressão “servo do saber” que é relacionada com os documentalistas, uma especialização do bibliotecário ou um bibliotecário que optou por se especializar numa área do conhecimento e que trabalhava com bibliografia especializada.

Sobre essa expressão “servo do saber”, Vieira (1983, p. 84) percebeu que a classe estava num momento de reflexão e afirmou:

Assim, disseram-nos há algumas décadas atrás que o bibliotecário era o “servo dos servos da ciência”, isto é um profissional sem identidade própria, um técnico encarregado de apenas processar a coleção e colocá-la à disposição daquele público privilegiado. Um profissional amorfo, passivo, pretensamente neutro, de atuação secundária nos bastidores. Essa seria, então, uma biblioteconomia circunstancial, apendicular, a qual prevaleceu por longo tempo e, infelizmente, ainda persiste como modelo para profissionais acomodados.

A busca da identidade do profissional e a busca por definir sua jurisdição aparecem por meio da regulamentação da profissão, que foi conseguida depois de muitos esforços em 1962. As tarefas do bibliotecário são descritas como:

Art.5º - A profissão de Bibliotecário, observadas as condições previstas neste Regulamento, se exerce na órbita pública e na órbita privada por meio de estudos, pesquisas, análises, relatórios, pareceres, sinopses, resumos, bibliografia sobre assunto compreendidos no seu campo profissional, inclusive por meio de planejamento, implantação, orientação, supervisão, direção, execução ou assistência nos trabalhos relativos às atividades biblioteconômicas, bibliográficas e documentológicas, em empreendimentos públicos, privados ou mistos, ou por outros meios que objetivarem, tecnicamente, o desenvolvimento das bibliotecas e centros de documentação. (BRASIL, 1962).

Nesse item da lei, percebe-se, mais uma vez que a preocupação com a organização continua, simultaneamente aparece atividade de desenvolver bibliotecas e centros de documentação. Atividades que vão exigir disciplinas de gerência e planejamento para a formação do bibliotecário.

Em 1976, Polke et al. publicaram um estudo sobre mercado de trabalho, circunscrito a realidade de Belo Horizonte. O estudo procurava caracterizar ano de formatura, idade, sexo, estado civil, status socioeconômico, expectativa salarial, razões para escolha da profissão, permanência na carreira, formas de atualização, qualidades fundamentais do bibliotecário, jornada de trabalho, satisfação e dificuldades no exercício da profissão entre outros dados. Esta pesquisa se destaca das demais pela “frustração” das

pesquisadoras que ficaram inconformadas com o que as respostas revelaram. Na conclusão, as autoras expressam essa inconformidade com os resultados:

É de se espantar que a ideologia do bibliotecário esteja ligada a qualidades sociais e pessoais, em detrimento dos conhecimentos teóricos e técnicos. Isto talvez justifique o fato do profissional não se sentir despreparado para o exercício da profissão.

E a imagem do profissional que fica é a de “ave de vôo curto...”.(POLKE, et al., 1976, p. 177).

Com os cursos de mestrado que começam na década de 70 surgem estudos sobre a atuação, educação e tarefas do bibliotecário e a instituição biblioteca.

Teixeira (1997) em sua dissertação de mestrado dá uma idéia dos seis primeiros estudos: auto-imagem do profissional, descarte em bibliotecas brasileiras, lei de Bradford (bibliometria), padrões mínimos para bibliotecas universitárias, hábito de leitura em biblioteca pública e o livro de arte no Brasil. Em geral, os primeiros trabalhos refletiam a preocupação com a organização das atividades de informação e de bibliotecas, estudos da literatura e do documento e com a atividade profissional.

Sobre o profissional nesta fase, em 1980, numa iniciativa pouco comum na área, pois eram freqüentes trabalhos descritivos, quantitativos ou simplesmente massivos, Oliveira (1980) apresenta sua dissertação sobre auto-imagem do bibliotecário. A autora utilizou uma abordagem da psicologia organizacional, possibilitando, por meio de uma metodologia bem estruturada, explorar como os bibliotecários percebiam o trabalho e a profissão.

Os resultados relatados pela autora mostraram que, além de discordarem que o trabalho exercido não era inovador, monótono ou rotineiro, sem importância ou inútil, os respondentes afirmaram que a profissão bibliotecária se baseava em valores como uma profissão inovadora, independente, que requeria cultura, profundidade, criatividade, desenvoltura, espírito liberal e liderança.

Smit (1982) comentando a imagem do bibliotecário e o trabalho de Oliveira (1980) dá um retrato dos sentimentos dos profissionais:

Não adianta tapar o sol com a peneira, a imagem vai mal, e não somente na ficção, mas também na realidade. A dissertação da Zita de Oliveira avalia a auto-imagem do bibliotecário, dando a palavra aos próprios profissionais. E esta imagem é mais complexa do que a imagem esquematizada pela ficção, mas nem por isto melhor... Maria Alice Gonzaga, outra profissional, descreve os problemas que enfrentou para combater a imagem da profissão e substituí-la por outra, mais dinâmica.

Percebe-se neste momento da história dos bibliotecários no Brasil que as visões sobre as atividades dos bibliotecários começam a se diversificar, melhorando as visões sobre o profissional que de erudito e amante da ordem, passa para tecnicista, servo da ciência e até... “ave de vôo curto”!!! Bastos (1976) citando Ortega y Gasset menciona sua definição “[...] filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem”. O trabalho de Oliveira (1980) resgata a auto-estima do profissional mostrando sua conscientização de que seu trabalho tinha utilidade e era reconhecido pela classe.

Descrevendo o perfil profissional como “conjunto de conhecimentos, qualidades e competências próprias dos integrantes de uma profissão”, Mueller (1989), sem mencionar a palavra organização, mas evidenciando a função de preservação, afirmava que historicamente os bibliotecários são reconhecidos pelas seguintes funções:

- função da preservação;
- função da educação;
- função do suporte ao estudo e à pesquisa.

A autora também discute a questão do planejamento, da responsabilidade de formulação de políticas como parte da responsabilidade de uma profissão dedicada ao tratamento e disseminação da informação e da atividade de pesquisa necessária para o “[...] entendimento dos fenômenos tais como a transmissão da informação e absorção do conhecimento” (MUELLER, 1989, p. 68).

A importância do bibliotecário de referência começa a ser observada, significando uma preocupação com a recuperação e disseminação da informação, mas a organização não é esquecida.

Vieira (1983, p. 84) ressalta a importância do usuário e conclama a classe a assumir o papel de agente social ao trabalhar com o intuito de permitir crescimento dos indivíduos, a comunicação entre pessoas e grupos, o revigoramento da cultura e a melhoria da qualidade de vida.

6 A ERUDIÇÃO DÁ LUGAR PARA A TÉCNICA E PARA TECNOLOGIA

A tecnologia afetou a forma de trabalhar de inúmeras profissões. Para o bibliotecário não foi diferente. A automação das bibliotecas atingiu todas as fases do processamento da informação. Porém, é perceptível que a tecnologia modificou a forma de desempenhar as funções citadas por Mueller (1989), mas não muda a essência dessas atividades, pois se continua exercendo as funções de fornecer a informação e participar do aperfeiçoamento das pessoas que são atendidas nas suas buscas.

Entra-se na era da informação com outra roupagem. Do erudito, da preocupação com a ordem passa-se para a preocupação com o desenvolvimento de tecnologia para dar suporte à ordem/organização e recuperação e disseminação de informação: metadados, ontologias, catálogos online, digitalização de acervo e outras áreas de estudo dessa era.

Com a biblioteca digital chega-se à noção da biblioteca sem paredes, para o bibliotecário tudo isso tem uma influência muito grande na sua atuação:

Levacov (1987, p.131), refazendo a trilha do profissional exemplifica:

[...] na Idade Média, as bibliotecas e as editoras eram o mesmo local (o *scriptorium*), administrado pelas mesmas pessoas (os monges escribas) e com tradições antigas e sólidas. "Os livros eram caríssimos, difíceis de produzir e de

reproduzir. Cada um deles custava o equivalente a uma pequena propriedade rural." Curtir peles para transformá-las em pergaminhos, acumular códices, copiá-los e guardá-los eram tarefa destes mosteiros, mas faltava ainda uma maneira sistemática e uniforme de organizá-los e disponibilizá-los. A maioria das bibliotecas de mosteiros possuía tão poucos volumes, que um catálogo não era necessário. Com a introdução da tecnologia dos tipos móveis e do papel, a figura do publicador dissocia-se da dos monges bibliotecários de forma definitiva.

Voltando ao assunto ordem/ organização, vê-se que a Internet surge como um grande banco de dados caótico. O bibliotecário é eleito como um dos profissionais que podem contribuir para colocar a ordem nesse caos com a sua competência de tratar e organizar a informação. De acordo com alguns autores a Internet tem características de uma grande biblioteca, essas características significariam para o bibliotecário apenas uma mudança de ambiente (TARAPANOFF, 1999; ROWBOTHAM, 1999).

Neste contexto surge a figura do arquiteto da informação, definido pela literatura como: "Alguém especializado em estruturar e organizar espaços de informação" (ROSENFELD; MORVILLE, 2002 apud RAMOS et al, 2005).

Mas o bibliotecário não está só nesta tarefa. Essa é uma das novidades desta fase, ou seja, é necessária a união de várias especialidades para exercer essa tarefa. Rosenfeld (2000) apud Peek (2005) apontou as seguintes áreas de atuação que prevê competências específicas de diferentes profissionais:

- Organização e recuperação da informação;
- Design visual;
- Engenharia de interface homem-computador;
- Comunicação técnica;
- Design de interface e interação;
- Modelagem de dados;
- Antropologia e Ciência da Computação

Baptista (2005) afirma que a Internet é um mercado de trabalho especial e único que não obedece às leis do mercado de trabalho formal que exige uma capacitação, experiência profissional e outros requisitos que habilitam um indivíduo para o trabalho. O espaço é ocupado por aquele que tem habilidades necessárias para uma atuação efetiva. Nas várias entrevistas realizadas durante as muitas fases da pesquisa, verificou-se que isso acontece quanto à construção de páginas de bibliotecas. O espaço é ocupado por quem domina a tecnologia.

7 AS MUDANÇAS NA DESIGNAÇÃO PROFISSIONAL – PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO, GESTOR DA INFORMAÇÃO OU ARQUITETO DA INFORMAÇÃO: REFLEXOS DOS NOVOS TEMPOS

Aos poucos a literatura da área de Biblioteconomia vai substituindo a designação “bibliotecário” para profissional da informação. A discussão sobre a identidade do profissional da informação passa a ser discutida.

Os aceitos pela classificação do Ministério do Trabalho (Classificação Brasileira de Ocupações -CBO) são:

[...] os **bibliotecários** (bibliográfico, biblioteconomista, cientista de informação, consultor de informação, especialista de informação, gerente de informação, gestor de informação), **documentalistas**, (analista de documentação, especialista de documentação, gerente de documentação, supervisor de controle de processos documentais, supervisor de controle documental, técnico de documentação, técnico em suporte de documentação) e **analista de informação** (pesquisador de informações de rede). (VIANA, 2006).

Porém, outros profissionais se auto-intitulam profissionais da informação, porque trabalham com a coleta, processamento e disseminação da informação.

Preocupado com a formação do bibliotecário, em 1997, Guimarães publica um artigo sobre o “moderno profissional da informação” visualizando novos mercados e identificando outros profissionais.

Baseando-se em Mason (1990) e rompendo com visões cartesianas de reservas de mercado, o autor afirma que o rol dos Profissionais da Informação é integrado, dentre outros, por administradores, arquivistas, analistas de sistemas, contadores, bibliotecários e museólogos (aos quais poderíamos ainda aliar os jornalistas) cada qual desempenhando papéis específicos nesse rol.

A questão da denominação e visão de um mercado mais amplo do que a biblioteca é, nesta fase, discutida na literatura (BAPTISITA, 1998). A designação “bibliotecário” é criticada porque reduz sua possibilidade de ação. Outras designações surgem, por exemplo, “agente de informação”, tradução de Paiva (1990) para a designação “information broker” dos norte-americanos, representando os bibliotecários que trabalham como autônomos.

Almeida Júnior (2000) contabilizou oitenta e quatro diferentes nomes para o profissional da informação. Alguns exemplos: administrador da informação; analista da informação; biblioteconomista; cibertecário; cientista da informação; documentalista; gestor da informação; infomediário; mediador da informação; tecnólogo da informação entre outros.

Um dos exemplos encontrados na literatura e que demonstram a preocupação com a designação do profissional é o caso do egresso do curso da Universidade Federal do Paraná. O curso que formava o bibliotecário foi modificado para um curso que forma gestores da informação, ver abaixo a descrição das competências por Bufrem e Pereira (2004, p. 177):

[...] buscar e disponibilizar a informação em qualquer formato desejado pelo cliente; identificar e explorar fontes de informação, o que requer habilidades em: acessar e adquirir informação eletrônica/ ótica/ impressa; explorar/ navegar e participar nas redes automatizadas e não automatizadas; intercambiar informações entre sistemas de informações existentes; explorar bolsões de dados não cobertos por sistemas formais de informação, avaliar a qualidade das fontes de informação, sob os seguintes parâmetros: exatidão, atualidade, abrangência, formato(s) disponível(eis) e orientação a necessidade do cliente, adicionar valor ao processo de coleta de informações, organizar e sistematizar a informação útil para o conhecimento do cliente, utilizando-se do processo de análise, descrição e

interpretação da informação; conectar informações dispersas, de modo a originar novas informações e conhecimentos; utilizar tecnologia como um vetor para conectar pessoas, organizações e informações.

O denominador comum entre gestores, arquitetos, arquivistas e bibliotecários e outros profissionais da informação continua sendo a coleta, processamento e disseminação. Na descrição acima algumas tarefas recebem nomes diferenciados, mas continuam significando a mesma coisa. Por exemplo, “conectar informações dispersas” não é o resultado de uma bibliografia? A novidade é a tecnologia que permite uma maior velocidade, uma abrangência de fontes e outros recursos muitas vezes imensuráveis.

CONCLUSÃO

A trajetória do bibliotecário da era medieval e dos séculos 20 e 21 foi descrita sumariamente. Percebe-se que a função de organizar a informação perpassa todas as eras. O que muda é o foco da preocupação, passa-se da “fixação” pela ordem para a recuperação e fornecimento da informação. Nessa trajetória, muitos ensinamentos dos mestres que nos precederam não se perderam com a tecnologia, com novos entendimentos ou com as reflexões próprias da era da informação. Ranganathan, por exemplo, continua atualíssimo, pois a tecnologia e a gestão da informação permitem que o usuário consiga recuperar especificamente a informação da qual precisa (FIGUEIREDO, 1992).

Com certeza, alguns adjetivos usados pela literatura para retratar os papéis desempenhados pelos bibliotecários perderam-se através do tempo, mas a essência é a mesma. Nos primórdios, a função de disseminador da informação não era usada e até mesma evitada. As preocupações com a ordem e a preservação eram constantes nos primeiros relatos sobre as atividades profissionais do bibliotecário e as preocupações com a recuperação e disseminação são mais atuais. As ferramentas propiciadas pela tecnologia favoreceram principalmente as atividades de organizar, recuperar e disseminar a informação.

Perguntada sobre o futuro da profissão Mueller (1995, p. 269) afirma, com a sabedoria que lhe é peculiar:

Acho que é possível imaginar um mundo, que hoje já existe, mas não é tão acessível, onde o acesso a informações e documentos distantes seria coisa corriqueira, e qualquer usuário poderia fazê-lo. Entretanto, tudo terá um preço. Assim, é possível imaginar serviços de acesso mantidos por indivíduos que venderiam esses serviços, sem necessariamente possuírem coleção própria. As bibliotecas funcionariam cada vez mais como pontos para contato com outras instituições.

Percebe-se, novamente, o papel da instituição e dos seus profissionais preocupados com acesso. Apesar da tecnologia ter permitido o acesso da informação de qualquer ponto para qualquer pessoa, a intermediação é feita e continuará ser feita por meio da instituição biblioteca e de seus profissionais que vão garantir que a informação esteja ao alcance de todos. Chegamos, então, nesse século mais preocupados com o acesso do que com a preservação e ordem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Profissional da informação: entre o espírito e a produção. IN: Valentim, M. L. P. (org). **O Profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000, p. 31-51.

BAPTISTA, S. G. **Bibliotecário autônomo versus institucionalizado**: carreira, mercado de trabalho e comprometimento organizacional. 1988. 234f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

_____. A empregabilidade na sociedade de informação: o arquiteto da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6, 2005. **Anais**. Florianópolis: Enancib, 2005, p. 1-12.

BRASIL, leis e decretos. **Lei Nº 4.084, de 30 de junho de 1962**, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário.

BUFREN, L. S; Pereira, E. C. Os profissionais da informação e a gestão de competências. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 9, n. 2, p. 178-181, jul./dez., 2004.

CASTRO, C. A. Histórico e evolução curricular na área de Biblioteconomia no Brasil IN: Valentim, M.L. P. **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002, p. 25-48.

CUNHA, M. B. O bibliotecário brasileiro na atualidade. **R. Esc. Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p.178-237, 1976.

D. JOÃO VI deu início à Biblioteca Nacional. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 06 mar. 2006. p. 1-1. Disponível em: <www.cbl.org.br>. Acesso em: 13 jun. 2006.

ECO, U. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: O Globo, 2003. 479 p.

FIGUEIREDO, N. M. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Ciência da Informação**, 1992, v. 21, n. 3, p. 186-191, set./dez. 1992.

LEVACOV, M. Bibliotecas virtuais: (r) evolução? **Ciência da Informação**, v. 26, n. 2, maio/ago, 1997.

MUELLER, S. P. M. Formação profissional e educação continuada – que profissional devemos ser. IN: SIMPÓSIO BRASIL -SUL DE INFORMAÇÃO, 1. 1996, Londrina. **Anais...** . Londrina: Uel, 1996, p. 253-272.

MUELLER, S. P. M. Perfil do bibliotecário, serviço, responsabilidades na área da informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 17, v.1, p. 63-70, jan/jun. 1989.

OLIVEIRA, Z. C. P. **O bibliotecário e sua auto-imagem**. São Paulo: Pioneira, 1983, 98 p.

POLKE, A. M. A. et al. Análise do mercado de trabalho do bibliotecário em Belo Horizonte. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, n. 5, p.165-177, set. 1976.

ROWBOTHAM, J. Librarians - architects of the future? **Aslib-Proceedings**, v. 51, n. 2, p. 59-63, fev. 1999.

SILVA, F. C. C. Bibliotecários especialistas. Brasília: Thesaurus, 2005. p. 264p.

SMIT, J. Bibliotecário, in memoriam: um canto de morte em feitiço de psicodrama. **Revista Palavra-Chave**, São Paulo, n. 2, p. 2-3, 1982. Disponível em:

<http://academica.extralibris.info/bibliotecario/bibliotecario_in_memorian_joha.html>

Acesso em: junho 2006

TARAPANOFF, K. O profissional da informação e a sociedade de informação: desafios e oportunidades. **Trasinformação**, v. 11, n.1, p. 27-38, jan./abr. 1999.

TEIXEIRA, S. K. S. **Temáticas das dissertações do curso de mestrado em biblioteconomia e Documentação da Universidade de Brasília – 1980-1995**. 1997. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciência da Informação, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

VIANA, M. M. M. Guia de Biblioteconomia na Internet. IN: <www.sobresites.com/biblioteconomia.htm.> Acesso em: junho 2006.

VIEIRA, A. S. Repensando a Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 81-85, 1983.

Sofia Galvão Baptista

Professora Doutora da Universidade de Brasília.
sofiag@unb.br

Mariana Baptista Brandt

Aluna do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília.
marianabrandt@gmail.com

Recebido em: 07/07/2006

Aceito para publicação em: set. 2006